

# A polifuncionalidade de *bem* no PE contemporâneo

Ana Cristina Macário Lopes

## Resumo

Nesta comunicação, descrevem-se os diferentes valores que *bem* pode assumir no PE contemporâneo, a partir de dados empíricos recolhidos no Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Como ponto de partida, analisam-se os contextos sintácticos de ocorrência do item lexical em análise, de modo a evidenciar a incidência de restrições formais na activação de interpretações distintas. Segue-se a caracterização dos valores semântico-pragmáticos identificados – avaliação positiva de circunstâncias de Modo/Maneira, quantificação de grau e marcação de funções discursivas (mitigação de acto ilocutório ameaçador da face do interlocutor, início de turno de fala, mudança de tópico). Os resultados da análise comprovam as seguintes assunções, defendidas no âmbito da Linguística Cognitiva e nos estudos sobre o processo de gramaticalização: (i) as categorias não são discretas e ostentam uma estrutura interna estratificada, que envolve uma zona focal e derivações/extensões periféricas, cognitiva ou pragmaticamente motivadas; (ii) é possível tratar de forma integrada os diferentes usos sincrónicos atestados de um item lexical, num quadro teórico que contemple diferentes domínios de significação (no caso em apreço, são relevantes os domínios epistémico-avaliativo, interaccional e (meta)textual).

*Palavras-chave:* Advérbio, Marcador Discursivo, Gramaticalização, Polissemia

## 1. Contextos sintácticos de ocorrência

Partimos de exemplos em que *bem* funciona como advérbio de modo e se insere na estrutura frásica, fazendo parte integrante do conteúdo proposicional do enunciado.

1.1. Vejam-se, então, os seguintes enunciados:

- (1) *O João portou-se bem.*
- (2) *“Os jogadores receberam bem a mensagem que a equipa técnica transmitiu...” [JC13736]*

Sintacticamente, em (1) *bem* é um advérbio subcategorizado pelo verbo, funcionando, portanto, como complemento obrigatoriamente

seleccionado. Se o suprimirmos, obtemos uma construção agramatical, como se prova em (3):

(3) \**O João portou-se.*

Aplicando o teste da clivagem, verifica-se que *bem* se desloca obrigatoriamente com o verbo, o que prova a sua função de complemento do verbo. Confrontem-se os exemplos (3a) e (3b):

- (3) a. *Portar-se bem foi o que o João fez.*  
b. \**Portar-se foi o que o João fez bem.*

Já em (2), *bem* comporta-se como um adjunto a SV, expandindo por modificação a predicação nuclear, e, como tal, pode ser suprimido sem que tal acarrete agramaticalidade:

(4) *Os jogadores receberam a mensagem que a equipa técnica transmitiu.*

Recorrendo de novo ao teste da clivada, verifica-se que o adjunto a SV não é obrigatoriamente deslocado com o verbo:

- (4) a. *Receber a mensagem que a equipa técnica transmitiu foi o que os jogadores fizeram bem.*  
b. *Receber bem a mensagem que a equipa técnica transmitiu foi o que os jogadores fizeram.*

Se convocarmos o teste da pergunta /resposta com o verbo *fazer*, comprovamos que em (1) *bem* tem um estatuto argumental, ao passo que em (2) o mesmo advérbio se comporta como adjunto:

- (5) a. \**O que é que o João faz bem? Porta-se.*  
b. *O que é que os jogadores fizeram bem? Receberam a resposta da equipa técnica.*

Apesar das diferenças de comportamento sintáctico, o valor semântico de *bem*, nos dois exemplos que temos vindo a analisar, mantém-se idêntico. Tanto em (1) como em (2), *bem* pode ocorrer como resposta a uma interrogativa parcial introduzida pelo morfema interrogativo ‘como’, parafraseável por ‘de que maneira/modo’. Assim, em ambos os casos *bem* exprime circunstâncias de Modo relevantes ao nível da predicação. Veja-se o par pergunta/resposta em (6):

- (6) *P – Como é que o João se portou?/ Como é que os jogadores receberam a mensagem que a equipa técnica transmitiu?*  
*R – Bem.*

Por outro lado, quer o complemento subcategorizado, quer o adjunto a SV admitem a chamada negação de foco, ou seja, a negação que tem escopo sobre um constituinte particular:

- (7) *O João não se portou **bem**, portou-se pessimamente.*  
(8) *Os jogadores não receberam **bem** a mensagem que a equipa técnica transmitiu, receberam-na pessimamente.*

Acrescente-se, ainda, que o advérbio *bem* pode ocorrer em interrogativas alternativas, o que significa que está sob o escopo da interrogação:

- (9) a. *O João portou-se bem ou mal?*  
b. *Os jogadores receberam bem ou mal a mensagem que a equipa técnica transmitiu?*

Os dois últimos testes convocados provam que se trata em ambos os casos de um constituinte que integra a estrutura predicativa da frase, fazendo, portanto, parte do conteúdo proposicional expresso. O que distingue as duas ocorrências é o maior ou menor grau de integração na frase, reflectido na estrutura argumental do predicador. Embora em ambos os casos *bem* faça parte do conteúdo proposicional, em (1) é um argumento interno do V, indispensável em termos de boa-formação sintáctico-semântica do enunciado, e em (2) é um adjunto que expande a predicação nuclear, expressando circunstâncias de Modo.

Há no *corpus* muitas construções em que *bem* funciona como complemento subcategorizado, comutável por outros sintagmas, adverbiais ou preposicionais, com valor de Modo – ‘mal’, ‘pessimamente’, ‘de forma extravagante’, etc.). Vejam-se os seguintes exemplos:

- (10) *“Imagine (...) quanto esta barriga não terá digerido – e como lhe soube bem!” [J16969]*  
(11) *“Nós, que constantemente invocamos a nacionalidade e o nacionalismo – e acho muito bem! –, não podemos admitir que se espanholize a corrida à portuguesa” [A0041]*

- (12) “Apesar dos tempos conturbados, tudo aponta para que Marcelo se mantenha até às eleições autárquicas. A não ser que as guerras intestinas subam de tom dia a dia. Santana desafia Marcelo: “Não está a correr bem”[J19877]
- (13) “Essa gravata fica-te bem.” [R1065]
- (14) “(...) ele tem duas vezes mais dinheiro que eu e o dobro dos privilégios. Não acho bem.” [R1083]
- (15) “Todos os Deuses de todas as verdades morreram e por isso sinto-me muito bem.” [R2564]

A estes exemplos atestados, podem ainda acrescentar-se outros, construídos, susceptíveis de serem produzidos por qualquer falante nativo do PE:

- (16) *Parece-me bem cancelar a reunião.*
- (17) *O João comeu / bebeu bem.*
- (18) *A Ana veste-se bem.*
- (19) *O Rui procedeu bem.*
- (20) *O João sente-se bem.*

Em todos os casos, *bem* funciona como argumento interno do predicador verbal e a sua supressão gera agramaticalidade, do ponto de vista sintáctico e semântico.

1.2. Vejamos agora um outro contexto de ocorrência de *bem*, sintacticamente distinto dos anteriores e muito frequente no *corpus*:

- (21) “Olha que isto não está bem.” [328P135]

Em contextos deste tipo, *bem* parece ocupar a posição dos sintagmas adjectivais que, em frases com verbos copulativos, desempenham a função sintáctica de predicativo do sujeito. Se optássemos pela análise sintáctica referida, a construção seria algo surpreendente, tendo em conta que os advérbios não são prototipicamente, em termos lógico-semânticos, predicadores de primeiro grau.

Contextualizando o exemplo (21), concluímos que no enunciado em causa se verifica uma elipse de um participio passado (PP) recategorizado em adjectivo (*engraxado*), recuperável no discurso anterior, o que implica uma análise sintáctica dessa ocorrência de *bem* em termos de modificador adjectival, tópico a que voltaremos em 1.3.. Veja-se então o contexto discursivo mais lato em que se insere o enunciado em causa:

- (21) “*Olha, agora bota mais um bocadinho de pomada, olha que isto não está bem*”. E eu digo assim: “*Olhe, o senhor então quanto mais fala, leva uma farinha*”. Quer dizer, no nosso calão, no Porto, uma farinha é mal engraxado, eles no fim julgam que está bem engraxado e passam por levar os sapatos na mesma sujos”.

Julgo que em contextos deste tipo se descreve o estado subsequente à culminação de um evento e se avalia o resultado final. O PP do verbo ‘fazer’, verbo que hiperonimicamente anaforiza situações eventivas, representando de forma subespecificada qualquer tipo de evento, é um candidato sempre disponível para preencher lexicalmente o lugar vazio no escopo do advérbio, em construções homólogas a (21). Trata-se, repetimo-lo, de um PP recategorizado em adjetivo, um PP predicativo formado a partir de verbos transitivos ou intransitivos ergativos/inacusativos, que mantém intactas as propriedades léxico-sintáticas do verbo de base.

Importa, no entanto, assinalar que, com o verbo ‘estar’, nem todas as construções gramaticais no PE contemporâneo se podem reconduzir ao esquema sintático Vpred.+[bem+ PP]. Veja-se o exemplo (22):

- (22) *O João está bem.*

Em construções deste tipo, representa-se um estado e *bem* funciona como predicativo do sujeito, parafraseável por ‘em bom estado físico ou psíquico’. Há, pois, evidência de que um item tradicionalmente classificado na classe ‘advérbio’ não manifesta um comportamento sintático (e sintático-semântico) uniforme. Assim sendo, parece revelar-se problemática a própria definição da categoria ‘advérbio’ segundo critérios uniformes de base sintática configuradores de uma categoria discreta, que implique um binómio de pertença/não pertença à categoria. Mais fecunda se afigura uma categorização em termos prototípicos, em que se possam contemplar instâncias centrais e instâncias periféricas da categoria, em função dos comportamentos atestados em uso das suas diferentes ocorrências.

1.3. Ainda no quadro dos contextos em que *bem* integra a estrutura frásica, fazendo, portanto, parte do conteúdo proposicional do enunciado, encontrei no *corpus* frequentes ocorrências de *bem* como modificador de adjetivo. Vejam-se os exemplos (23) e (24):

- (23) “*As recordações persistiam bem vivas, na memória dos de Valmurado*” [LO273P00X]
- (24) “*É silvado e daquele bem alto, que é preciso a gente olhar para cima que é para ver onde é que ele acaba*” [666-08-TD0-008-40-F-L-1-4-00]

Comutável por ‘muito’, *bem* funciona nestes contextos como intensificador, perdendo em absoluto o seu valor adverbial primitivo de natureza avaliativa. Nestes contextos, *bem* funciona de modo similar aos advérbios quantificadores de grau e o adjectivo que modifica é automaticamente interpretado em termos de propriedade escalar. Com esta função, *bem* coocorre com adjectivos qualificativos, sendo incompatível com adjectivos relacionais (veja-se o contraste de gramaticalidade entre ‘homem bem alto’ e ‘\*comentário bem editorial’). Nestes contextos, o sintagma adjectival ‘bem+adjectivo’ não admite ser modificado pelo intensificador ‘muito’ (\*‘muito bem alto’). Note-se, entretanto, que *bem* pode incidir sobre sintagmas adjectivais que expressam grau comparativo (*bem mais/menos* alto).

Acrescente-se que quando *bem* antecede uma forma de participio passado com valor adjectival, em construções do tipo ‘uma mulher bem arranjada/preparada/vestida’, a comutação com *mal* é possível, e *bem* preserva o seu valor avaliativo. O processo de conversão que preside à formação deste tipo de adjectivos explica, a meu ver, o bloqueio de uma interpretação em termos de intensificador: com efeito, a base verbal eventiva admite uma modificação adverbial de modo, e os adjectivos participiais herdam essa propriedade. Por outras palavras, estes participios adjectivais modificados por *bem* admitem ser parafraseados por uma frase relativa em que reaparece o verbo de base : ‘uma mulher bem arranjada  $\square$  uma mulher que se arranja bem’. O sintagma adjectival ‘bem+ PP adjectival’ admite ser modificado por ‘muito’ (‘muito bem arranjada’). Assinale-se, ainda, que *bem* pode incidir sobre sintagmas adjectivais que expressam grau comparativo e cujo núcleo é um PP adjectival (‘bem mais/menos arranjada’).

Em síntese, neste parágrafo recensearam-se usos de *bem* como modificador adjectival, tendo sido destacados dois casos distintos: quando *bem* modifica um adjectivo puro, não deverbal, tem um comportamento sintáctico homólogo ao dos quantificadores de grau, sendo comutável por *muito*; quando o mesmo item modifica um adjectivo deverbal, preserva tipicamente o seu estatuto adverbial de Modo.

1.4. O *corpus* também nos facultou exemplos de *bem* a funcionar como modificador de advérbios. Veja-se a título de ilustração o exemplo (25):

- (25) “*Momento de decisões históricas que quase passavam para segundo plano depois da morte de dois soldados israelitas na zona de segurança junto ao Líbano – bem perto de Haifa.*” [J3890]

Comutável por ‘muito’, *bem* funciona claramente, neste contexto, como advérbio quantificador de grau.

1.5. Vejamos finalmente alguns contextos de ocorrência em que *bem* manifestamente não integra o domínio sintáctico da predicção. Atente-se nos seguintes exemplos:

- (26) “*B: (...) se calhar a carne dos coelhos também agora não é saborosa, não é altura de a comer, ou não? X: Bem, quer dizer, não é, não é ser saborosa, não é, que agora andam a fazer criação*” [854P212]
- (27) “*A: Que é que se arranja aqui melhor agora no inverno, laranjas e bananas, naturalmente? X: Bem, a a, as bananas nem sempre, há alturas em que se quer comprar bananas e não há, agora a maior fartura nesta altura é a maçã (...)*” [129P104]
- (28) “*Aqui o palácio do governo foi construído no tempo dos Filipes. O Forte de S. João acolá em cima, também. (...) Não quer dizer que fossem os espanhóis que os construísem, mas foi construído na época deles. Bem, aqui naturalmente predominou muito o algarvio*” [1340-08-U00-023-48-M-D-3-6-0]
- (29) “*A: E...que mais é que elas fazem? B: Bem, agora estão a lavar as grelhas, depois para o tempo da...da sardinha descabeçam as sardinhas(...)*” [147P107]

Em todos os enunciados precedentes, *bem* não desempenha nenhuma função sintáctica no quadro oracional, nem faz parte do conteúdo proposicional da frase. Com efeito, *bem* não subsiste no discurso indirecto, como se comprova em (29 a):

- (29) a. *Ela disse que naquele momento estavam a lavar as grelhas.*

Por outro lado, *bem* resiste à focalização, à negação e à interrogação.

Contraste-se (29 b) com (1 a), (29 c) com (1b) e (29 d) com (1c):

- (29) b. *\*Mesmo bem, agora elas estão a lavar as grelhas.*  
(1) a. *O João porta-se mesmo bem.*  
(29) c. *\*Bem, agora elas não estão a lavar as grelhas.*  
(1) b. *O João não se porta bem, porta-se pessimamente.*  
(29) d. *Bem, agora elas estão a lavar as grelhas.*  
– *Como é que elas agora estão a lavar as grelhas?*  
– *\*Bem.*  
(1) c. *O João portou-se bem.*  
– *Como é que o João se portou?*  
– *Bem.*

Estes testes provam o estatuto periférico ou exterior de *bem* relativamente ao conteúdo proposicional do enunciado. O seu comportamento sintáctico-semântico é idêntico ao dos marcadores discursivos (cf. Portolés & Zorraquino 1999; Renzi 1995). Também a nível prosódico, as ocorrências de *bem* acima atestadas parecem manifestar propriedades típicas dos MD: demarcação por pausa à esquerda e à direita, o que implica o seu funcionamento como constituinte prosódico independente. Note-se que a demarcação prosódica evidencia e reforça a sua dissociação sintáctica relativamente à estrutura oracional. Enquanto MD, *bem* é um operador cuja análise requer a tomada em consideração do plano enunciativo-pragmático: ocorre basicamente na oralidade dialógica, com funções de natureza interactiva e metadiscursiva. Voltaremos a esta questão no parágrafo seguinte.

## 2. Elementos para uma análise semântica integrada

Importa agora caracterizar o funcionamento semântico de *bem* e, na medida do possível, apreender a rede de sobreposições e “parecências de família” que interligam os seus diferentes usos. A hipótese central que se coloca é a seguinte: não estamos perante um caso de homonímia, mas sim perante usos distintos de um mesmo item lexical. Assim sendo, compete-nos provar, ou pelo menos argumentar a favor da existência de um centro prototípico da categoria, em torno do qual se organizam os diversos valores atestados. Importa-nos igualmente apreender os mecanismos/factores que intervêm na codificação de valores e/ou funções mais afastadas do centro prototípico, de modo a demonstrar que a variação de uso é motivada e não aleatória. Começaremos pela caracterização da semântica do advérbio de Modo, que



admitimos como valor prototípico pela sua frequência de uso.

Do ponto de vista semântico, o advérbio *bem* (subcategorizado pelo verbo ou adjunto a SV) expressa simultaneamente uma circunstância de Modo (ou de Maneira) e uma avaliação positiva. Por outras palavras, predica algo sobre a situação descrita no enunciado em que ocorre, situação essa que denota prototipicamente um evento. O seu valor predicativo envolve sempre um juízo valorativo favorável por parte do enunciador. Considero, pois, que a polaridade avaliativa faz parte intrínseca do significado de *bem*. Se considerarmos o verbo 'fazer' como hiperónimo da acção/processo que *bem* complementa ou modifica qualificando, então 'fazer bem/fazer bem x' significa fazer (x) de uma maneira que o falante avalia como positiva/boa, em função da conformidade em relação a um parâmetro contextual, uma norma, e/ou dos resultados obtidos. Tal como o adjectivo *bom* subsume um conjunto de termos que especificam uma polaridade valorativa em domínios distintos da experiência humana (*saboroso*, *lucrativo* e *saudável*, por exemplo, especificam o significado de *bom* respectivamente no domínio da comida, dos negócios e do ambiente), também o advérbio *bem* parece funcionar como termo genérico susceptível de subsumir um conjunto de termos (*adequadamente*, *correctamente*, *justamente*, *satisfatoriamente*, *eficazmente*, etc.) que se interpretam contextualmente como especificações de circunstâncias de Modo, com polaridade positiva. No mesmo paradigma lexical de *bem* insere-se o advérbio *mal*, em estreita relação semântica de antonímia, e ainda a locução adverbial *mais ou menos*, que codifica um ponto intermédio de avaliação entre o pólo positivo e o pólo negativo. Faz parte da semântica deste advérbio de Modo a possibilidade de graduação: através das formas *melhor* e *pior* lexicaliza-se o grau comparativo (de superioridade e de inferioridade, respectivamente); o grau elevado é expresso por  *muito bem*.

A avaliação expressa por *bem* pode ancorar em padrões ou normas éticas, estéticas, de comportamento social, de perfeição técnica, legais, etc. Assim, o núcleo conceptual invariante de avaliação positiva sofre modulações contextuais em função do significado lexical do verbo (ou do SV) a que o advérbio se aplica. É ainda a semântica inerente do verbo que condiciona o padrão implícito convocado pelo acto de avaliação: 'conduzir bem' significa conduzir adequadamente, de acordo com as regras vigentes, 'falar bem (uma língua)' significa falar com fluência, 'proceder bem' significa proceder de forma justa, 'conhecer bem x' significa conhecer x de modo profundo, exacto ou preciso, 'ver bem' significa ver com nitidez, etc. A semântica de *bem* parece ser intrinsecamente vaga (indeterminada ou subespecificada):

só num contexto discursivo específico e no quadro de determinados modelos culturais interindividualmente partilhados se pode precisar a informação sobre circunstâncias de modo predicada pelo advérbio *bem*. O que une as diversas modulações contextuais do significado de *bem* parece ser a polaridade valorativa e a pressuposição de que há uma relação de conformidade entre o modo de realização de um processo ou de uma acção e o padrão de referência assumido pelo falante. Uma outra hipótese de abordagem da semântica de *bem* envolve o recurso à noção de polissemia. Sendo já longo o debate em torno da delimitação de fronteiras entre vagueza e polissemia, mantêm-se como testes relevantes o teste lógico proposto por Quine (1960) e o teste da identidade, de Zwicky e Sadock (1975). O primeiro, baseado num critério lógico, diz-nos que um item lexical é polissémico se puder ser ao mesmo tempo verdadeiro e falso quando aplicado ao mesmo referente. Assim, “an ambiguous term such as *light* may be at once clearly true of various objects (such as *dark feathers*) and clearly false of them”(Quine 1960:129). Este teste prova que *light* é uma palavra polissémica. Se tentarmos aplicar este teste a *bem*, obtemos resultados não concludentes. Veja-se o seguinte exemplo:

(30) *O João portou-se bem e não se portou bem.*

Trata-se de uma frase contraditória, o que nos levaria a afastar a hipótese de que *bem* é um termo polissémico. No entanto, não nos parece anómalo o exemplo (31):

(31) *O João comeu bem e não comeu bem.*

Este último enunciado admite uma interpretação parafraseável do seguinte modo: ‘O João comeu de forma adequada no que diz respeito à quantidade de alimentos ingeridos, mas não comeu de modo conveniente, segundo as normas que devem ser respeitadas à mesa’. No entanto, não parece rigoroso falar-se de dois sentidos distintos de *bem*: o que está em jogo, neste exemplo, é uma ambiguidade entre uma leitura resultativa do SV, que pressupõe pragmaticamente um padrão de natureza quantitativa, e uma leitura que focaliza o processo no seu decurso, sendo a avaliação balizada por uma norma distinta, de natureza sócio-comportamental.

O teste linguístico da identidade envolve o recurso à anáfora: se um determinado item lexical tiver duas interpretações, essas interpretações constituem dois significados distintos quando, num enunciado,

a retoma anafórica do item exigir uma interpretação em termos de identidade, sendo excluída uma leitura cruzada. Num enunciado do tipo *O João empurrou a secretária e a Ana fez o mesmo*, é possível interpretar *secretária* como ‘objecto/móvel’ ou como ‘pessoa com determinadas funções’. No entanto, se seleccionarmos a primeira interpretação, condicionamos automaticamente a leitura da frase coordenada, que se fará por retoma do mesmo significado. Qualquer interpretação cruzada é inaceitável. Podemos então concluir que o item em apreço é polissémico. Vejamos o que acontece com *bem*:

(32) *O João escreve bem e o irmão também.*

É possível interpretar *bem* como sinónimo de ‘correctamente, sem erros’, ou seja, de acordo com um padrão de correcção ortográfica, mas é também possível interpretar *bem* em termos de adequação a uma norma estética. Não é possível uma leitura cruzada. No entanto, o teste não me parece conclusivo relativamente à natureza polissémica de *bem*: perante uma palavra tipicamente polissémica como ‘secretária’, os dois significados são nitidamente demarcáveis; já no que toca às duas interpretações possíveis de *bem* acima assinaladas, julgo que indiciam variação dentro de um mesmo significado subespecificado, resultante de uma indeterminação intrínseca de *bem* no que toca a uma especificação contextual. Tal como a palavra *estudante* é vaga relativamente à dimensão sexo, também *bem* me parece uma palavra vaga quanto à especificação do padrão de referência ou parâmetro contextual que sustenta a predicação.

A opção pelo tratamento da semântica de *bem* em termos de vagueza ou de subespecificação em termos de representação conceptual parece ser apoiada pelo critério analítico que remonta a Aristóteles. Com efeito, é possível encontrar uma definição maximamente genérica de *bem* que inclua todas as instâncias do seu uso enquanto advérbio de modo – avaliação positiva do modo de realização de uma acção/processo.

Até aqui, contemplámos exemplos em que o advérbio de Modo *bem* se aplica a predicadores verbais que denotam acções/processos. Utilizámos estes termos sem uma definição prévia rigorosa, para designar situações dinâmicas que envolvem prototipicamente um agente. Recorrendo agora à clássica tipologia de classes aspectuais proposta por Vendler (1967), vejamos de forma mais aprofundada quais as compatibilidades de *bem* com os diversos tipos de situações. Atente-se nos exemplos (33) e (34):

- (33) ??A Ana gosta bem de cinema.  
(34) ??O Rui acredita bem em bruxas.

São exemplos construídos, que visam testar a compatibilidade de *bem* com predicadores estativos. As interrogações sinalizam um certo grau de anomalia dos enunciados, o que revela que a combinação de *bem* com a descrição de estados não é inteiramente feliz. Sendo um estado uma situação estática, uma situação que não envolve mudança – de estado, de lugar ou de posse – dos participantes nela intervenientes, facilmente se compreende a incompatibilidade assinalada. As circunstâncias expressas pelos advérbios de Modo especificam prototipicamente maneiras de realização de situações intrinsecamente dinâmicas. Daí a plena aceitabilidade dos enunciados (35) e (36):

- (35) O João nadou bem.  
(36) O João desenhou bem a circunferência.

Combinado com descrições de actividades (*activities*, na terminologia de Vendler) ou de eventos prolongados (*accomplishments*) – respectivamente em (35) e (36) – *bem* dá origem a enunciados semanticamente bem-formados. Em (35), o advérbio incide no modo de realização do processo. Em (36), infere-se que a circunferência ficou bem desenhada, o que nos permite dizer que o advérbio qualifica o resultado do evento.

A compatibilidade de *bem* com descrições de eventos pontuais (*achievements*) é mais problemática. Vejam-se os exemplos (37) e (38):

- (37) \*O João desmaiou bem.  
(38) O João nasceu bem.

A anomalia de (37) deve-se, a meu ver, não ao tipo de situação representada, mas sim à ausência de um padrão ou de uma norma de desmaio face à qual se possa expressar, através de *bem*, um juízo de conformidade. Em (38), a ocorrência de *bem* parece legitimada pela existência de um padrão – o parto normal. Note-se, entretanto, que a ocorrência de *bem*, neste último exemplo, força/induz uma interpretação do enunciado em termos de representação de um evento prolongado.

A análise dos exemplos permite-nos evidenciar traços prototípicos da semântica do advérbio de Modo *bem*: aplica-se a situações dinâmicas, predicando um modo de realização que envolve conformidade relativamente a um padrão e que (por isso mesmo) é avaliado positi-

vamente. Quando se representam eventos prolongados, eles são considerados globalmente, na sua realização total, e, conseqüentemente, o advérbio qualifica (metonimicamente) o resultado desses eventos. Quando se representam actividades, a própria natureza aspectual da situação determina a incidência do advérbio no desenrolar do processo.

Deste valor prototípico parece derivar, por um processo de extensão, o valor de *bem* exemplificado em (22). Com efeito, em posição predicativa, *bem* retém os traços de ‘avaliação positiva’ e ‘conformidade em relação a um padrão’: dizer que o João está bem significa dizer que o seu estado de saúde (física ou psíquica) é bom, e tal avaliação positiva pressupõe um padrão, uma norma (no domínio da saúde). Assim, por uma relação de similaridade, *bem* permite conceptualizar e expressar avaliação positiva relativamente ao modo de realização de um evento e avaliação positiva relativamente ao modo de manifestação de um estado temporário.

A questão que agora se coloca é saber se é possível estabelecer algum nexos conceptual entre a semântica de *bem* como advérbio de Modo e a semântica de *bem* como advérbio de Intensidade ou quantificador de grau. Parece-nos possível analisar esta variação de uso, no plano sincrónico, como um caso de gramaticalização, entendida como processo de recategorização ou reanálise sintáctica, acompanhado de uma perda do significado lexical primitivo. Estes dois critérios são verificados no caso de *bem*, pelo menos parcialmente: o advérbio de Modo e o quantificador de grau não têm a mesma distribuição, pelo que pertencem a sub-classes sintácticas distintas. Do ponto de vista semântico, há claramente uma perda da polaridade avaliativa e do significado categorial inerente aos advérbios de Modo; o quantificador *bem* expressa intensidade de uma determinada propriedade, no interior de uma escala, significação que tradicionalmente é considerada de tipo gramatical. Como vimos no ponto 2., parecem claramente diferenciados os contextos sintácticos de ocorrência que activam as duas interpretações de *bem* (posição tipicamente pós-verbal, posição pré-adjectival). É, no entanto, curioso verificar que, em determinados contextos, a ocorrência do advérbio de Modo suscita uma interpretação preferencial não canónica, que se afasta da significação prototípica assinalada. Vejam-se os exemplos (39) e (40):

(39) “*sempre (...) gostei de pagar bem ao pessoal*” [79P091]

(40) *Ontem, choveu bem cá em Coimbra.*

Em (39), *pagar bem* significa pagar uma boa quantidade de dinheiro,

ou seja, uma quantia que está acima de um padrão médio, e em (40), *chover bem* significa chover muito. Neste último caso, o antónimo de *bem* já não é *mal*, mas sim *pouco*.

Noutros contextos, nomeadamente quando *bem* antecede adjetivos com um valor perfectivo, formados por conversão a partir de participios adjectivais, verifica-se frequentemente uma ambiguidade entre uma leitura qualitativa e uma leitura quantitativa. Vejam-se os casos apresentados em (41):

- (41) *um cinto bem apertado, uma comida bem apurada, uma massa bem amassada, uma roupa bem torcida, umas claras bem batidas, uma resina bem entranhada*

Nestes exemplos, a leitura pode ser intensiva (*muito apertado, muito torcida*, etc.) ou de avaliação qualitativa. Parece-me que casos deste tipo, que manifestam uma sobreposição de valores, funcionam como zona de transição para o valor quantitativo de advérbio. Ou seja, há contextos em que a valoração positiva do estado resultante induz uma leitura intensiva. Numa perspectiva neo-griceana, a interpretação intensiva pode ser considerada uma implicatura conversacional, pragmaticamente activada pelo nosso conhecimento de *background* acerca da situação descrita. Esta implicatura pode ter-se convencionalizado, dando origem ao significado associado ao advérbio de intensidade *bem*, sistematicamente comutável por *muito*.

Prototipicamente, este advérbio, ao modificar um adjectivo puro, sempre em posição de adjacência à esquerda, expressa um grau elevado da propriedade denotada pelo adjectivo: sendo escalar, tal propriedade admite graduação. Como qualquer quantificador de grau, *bem* é interpretado como operador que liga variáveis, sendo que estas variáveis são níveis ordenados numa escala. O quantificador situa o elemento quantificado num determinado nível no interior de uma escala, sendo a ordenação ou orientação dessa escala estabelecida por factores pragmáticos. *Bem*, comutável por *muito*, integra a sub-classe dos quantificadores de grau ditos proporcionais (na qual se incluem termos como *bastante, pouco, demasiado*), cujo comportamento semântico se diferencia dos quantificadores comparativos (tão, mais, menos). Os quantificadores não comparativos expressam uma dimensão de quantidade ordenada de menor a maior (*pouco, bastante, muito/bem*). *Bem* situa o elemento quantificado num ponto indeterminado da parte alta da escala e indica que um ponto médio dessa escala foi ultrapassado. Tal como *muito*, *bem* combina-se com quantificadores comparativos – *bem mais, bem menos* –, permitindo deste

modo exprimir a maior ou menor amplitude do intervalo existente entre os dois pontos comparados.

Temos, assim, dois domínios escalares: um domínio qualitativo, no qual operam os advérbios de Modo valorativos *bem* e *mal*, pólos opostos num *continuum* que admite valores intermédios (lexicalizados por expressões do tipo *razoavelmente / mais ou menos/ assim, assim*), e um domínio quantitativo, no qual operam os advérbios quantificadores de grau *muito/bem, bastante, pouco*. A escalaridade subjacente à avaliação qualitativa e à quantificação de grau configura uma semelhança estrutural entre os dois domínios, sendo que tanto o modificador verbal como o modificador adjectival ocupam uma posição similar na ordenação linear dos valores que delimitam nas respectivas escalas.

+ positivo (Aval. Qualit.)	+ elevado (Aval. Quant.)
bem	bem/ muito
mal	pouco
- positivo	- elevado

Parece haver uma estruturação isomórfica de dois domínios, eventualmente ancorada em metáforas conceptuais do tipo “Good is up, bad is down” e “More is up” (cf. Lakoff & Johnson 1980). Note-se que em ambos os casos a representação semântica escalar pressupõe um parâmetro contextual, uma norma, ou uma média, que funciona como ponto de referência implícito.

*Bem*, em relação de oposição semântica com *pouco*, expressa um grau elevado de uma propriedade escalar. *Bem*, em relação de oposição semântica com *mal*, aplica-se a situações dinâmicas, explicitando modos de realização ou estados resultantes situados num ponto alto de uma escala avaliativa. Muito provavelmente, os contextos de coocorrência de *bem* com participios adjectivais em que as leituras qualitativa e quantitativa são igualmente aceitáveis (ver ex. 41) funcionam como zona de transição para a derivação do sentido intensificador, que se torna exclusivo quando no escopo do advérbio se encontra um adjectivo puro. A construção sintáctica *bem + adjectivo* é semanticamente coercitiva, ou seja, a coocorrência, em anteposição, de *bem* com um adjectivo não deverbal que expressa uma propriedade escalar força uma interpretação em termos de quantificação de grau. O valor semântico de avaliação positiva perde-se, sendo substituído por um valor de quantificação. De qualquer modo, mantém-se o isomorfismo entre dois domínios escalares.

Vejam agora se é igualmente possível descortinar algum nexo entre os valores até agora comentados e os valores de uso de *bem* como marcador discursivo. Ao deixar de operar no domínio do conteúdo, ou seja, no domínio do conteúdo proposicional expresso, passível de uma análise verocondicional, *bem* cumpre essencialmente as seguintes funções: no discurso dialogal, marca/sinaliza (i) discordância/não aceitação relativamente ao que foi dito ou implicado na intervenção anterior, (ii) mero início de turno de fala, desempenhando, assim, um papel ao nível da gestão do ‘turn-taking’ conversacional, ou (iii) mudança de tópico discursivo, actuando ao nível da estrutura temático-informacional do texto.

Voltemos então aos exemplos (26) a (29), aqui retomados:

- (26) “*B: (...) se calhar a carne dos coelhos também agora não é saborosa, não é altura de a comer, ou não? X: Bem, quer dizer, não é, não é ser saborosa, não é, que agora andam a fazer criação*” [854P212]
- (27) “*A: Que é que se arranja aqui melhor agora no inverno, laranjas e bananas, naturalmente? X: Bem, a a, as bananas nem sempre, há alturas em que se quer comprar bananas e não há, agora a maior fartura nesta altura é a maçã (...)*” [129P104]
- (28) “*Aqui o palácio do governo foi construído no tempo dos Filipes. O Forte de S. João acolá em cima, também. (...) Não quer dizer que fossem os espanhóis que os construísem, mas foi construído na época deles. Bem, aqui naturalmente predominou muito o algarvio*” [1340-08-U00-023-48-M-D-3-6-0]
- (29) “*A: E...que mais é que elas fazem? B: Bem, agora estão a lavar as grelhas, depois para o tempo da...da sardinha descabeçam as sardinhas(...)*” [147P107]

Em (26) e (27), *bem* ilustra uma função de mitigação do desacordo ou da não aceitação, por parte do locutor, do que foi anteriormente afirmado ou implicado pelo interlocutor. *Bem* opera claramente no plano interactivo, atenuando a força ilocutória do acto que está a ser realizado: por cortesia, reforça-se através de *bem* a face positiva do falante e protege-se a face negativa do ouvinte. Em (30), *bem* funciona como marcador conversacional, sinalizando início de turno de fala. É ao nível da interacção que se satura o valor semântico de *bem*, em contextos deste tipo. Em (31), *bem* marca mudança de tópico no interior da intervenção do mesmo falante.

No primeiro caso, o recurso ao marcador inscreve-se numa estraté-



gia de atenuação/mitigação da expressão de desacordo. Os estudos realizados no âmbito da Análise da Conversação evidenciam que na interacção verbal há sequências ‘preferidas’, sequências que configuram normalmente o segundo membro de um par adjacente e que correspondem às expectativas normais de uma troca conversacional cooperante. São sequências preferidas ou não marcadas aquelas que envolvem uma reacção verbal esperada. Ora é sabido que a aceitação e a concordância são consideradas como segundas partes preferidas de um par adjacente. Quando surge um segundo membro não preferido, o locutor procura normalmente reparar ou mitigar a sua intervenção através de preliminares mais ou menos longos e complexos. Como afirma Levinson, “dispreferred seconds are marked by various kinds of structural complexity. Thus dispreferred seconds are typically delivered: (a) after some significant delay, b) with some preface marking their dispreferred status, often the particle *well*; (c) with some account of why the preferred second cannot be performed” (1983: 307). Naturalmente que o conceito de ‘preferência’ se prende também com necessidades decorrentes das convenções e rituais sociais que presidem à interacção verbal. Neste âmbito, inscrevem-se as estratégias que visam a gestão adequada das faces dos participantes no acto comunicativo e que envolvem/convocam o princípio da cortesia. Quando um falante opta por um segundo membro não preferido, discordando, por exemplo, de uma asserção anterior, utiliza frequentemente o marcador *bem* como “face-threat mitigator”. Ao atenuar a expressão do desacordo, o falante reforça a sua imagem positiva e protege, simultaneamente, a face negativa do interlocutor. Trata-se de uma estratégia remediadora, que visa minimizar/reparar potenciais efeitos negativos de uma intervenção não preferida. Como assinala Levinson (1983: 334), “the particle *well* ... standardly prefaces and marks dispreferreds”. Note-se que *bem* é o marcador ideal para a realização desta função discursiva, dado o seu valor semântico primitivo. Com efeito, ao prefaciar a expressão de desacordo com *bem*, o falante recorre a um item com um traço inerente de valorização positiva, o que desde logo implica uma não rejeição absoluta da intervenção anterior; assim, o falante realiza um trabalho de figuração que mitiga a carga negativa da não aceitação do que foi dito previamente. Deste uso deve ter derivado o de mera sinalização de início de turno de fala, pela dessemantização total do advérbio. Nos dois usos descritos, *bem* opera no domínio pragmático da significação, na medida em que as instruções que carregam relevam da dimensão socio-interactiva do discurso – gestão da interlocução e distribuição de turnos de fala.

No discurso monologal, ou no interior da intervenção de um dos participantes de uma interação verbal (veja-se o exemplo (31)), *bem* é utilizado para sinalizar uma mudança de tópico ou uma digressão, contribuindo deste modo para a marcação da estrutura temático-informacional do texto. Trata-se de uma função metadiscursiva, típica do uso oral mais espontâneo e não planejado, escassamente documentada no *corpus*. Este uso periférico pode eventualmente ser explicado em termos de transposição, para o plano metadiscursivo ou metatextual, da função de marcação da estrutura do texto dialogal anteriormente comentada.

### 3. Considerações finais

A hipótese que coloco, cuja validação envolve um estudo diacrónico, é a seguinte: os diferentes usos sincrónicos de *bem* parecem poder ser enquadrados no âmbito do fenómeno da gramaticalização, entendida como um processo de recategorização sintáctica e semântica, motivada cognitiva e/ou pragmaticamente (cf. Tabor & Traugott 1998; Traugott & König 1991). A reanálise ou recategorização sintáctica está presente, já que o comportamento sintáctico do advérbio de Modo se distancia claramente do comportamento sintáctico do advérbio quantificador de grau e do MD, como assinalámos. Semanticamente, verifica-se uma alteração da significação lexical primitiva em ambos os casos: o quantificador de grau, ao funcionar como intensificador, perde o traço [+qualitativo] presente no significado prototípico, substituindo-o por um traço [+quantitativo], sendo a afinidade conceptual garantida pela manutenção do traço [+avaliação] nos dois usos; o MD, ao especializar-se na sua função básica de “face-threat mitigator”, torna salientes instruções de tipo pragmático, reguladoras da interação locutor/interlocutor, estando a eficácia da estratégia garantida pelo significado lexical entretanto “backgrounded”. As duas outras funções discursivas atestadas (mera sinalização de início de turno de fala e marcação de mudança de tópico), mais periféricas relativamente ao protótipo/“core meaning”, parecem derivar do uso mitigador do MD. Com efeito, a ocorrência sistemática do mitigador em início de turno de fala viabiliza, por extensão metonímica, a convencionalização de uma rotina conversacional. Por outro lado, a marcação de intervenção não preferida (expressão de desacordo, rejeição de um pedido, dilação de uma resposta relevante, etc.) e a sinalização de mudança de tópico no interior de uma intervenção são funções discursivas que visam moni-

torizar o processamento da informação por parte do interlocutor, quando este é confrontado com uma sequência discursiva menos previsível em termos de expectativas.

Parece haver evidência empírica para afirmar que se assiste basicamente a uma transposição de significação que releva do domínio da avaliação interna do falante para significação que releva do domínio da interação e da estruturação textual/discursiva.

## Bibliografia

- Brown, P. & S. Levinson  
1987 *Politeness. Some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cruise, D. A.  
1986 *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Delbecque, N.  
1994 Las funciones de así, bien y mal. *Revista Española de Lingüística*, Año 24, fasc. 2: 435-466.
- Hansen, Maj-Britt Mosegaard  
1996 Some common discourse particles in spoken french. *Etudes Romanes* 35 (*Le discours: cohérence et connexion*): 105-149.
- Ilari, Rodolfo  
1996 A categoria Advérbio na gramática do Português Falado. In Inês Duarte & Isabel Leiria (orgs.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. I, 107-140.
- Jucker, Andreas H.  
1993 The discourse marker *well*: a relevance-theoretical account. *Journal of Pragmatics* 19: 435-452.
- Quine, Willard van Orman  
1960 *Word and object*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Lakoff, George & Mark Johnson  
1980 *Metaphors We Live By*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George  
1987 *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Levinson, Stephen C.  
1983 *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lima, José Pinto de  
1989 “Significado avaliativo”: para uma clarificação à luz de uma semântica prática. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa.
- Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte & Isabel Hub Faria  
2003 *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.<sup>a</sup> ed. (revista e aumentada). Lisboa: Caminho.
- Martín Zorraquino, María Antónia & José Portolés Lázaro  
1999 Los Marcadores del Discurso. In: Ignacio Bosque Muñoz & Violeta Demonte Barreto (orgs.), *Gramática Descriptiva de la*

- Lengua Española*, vol. 3., Real Academia Española, Madrid: Espasa, 4051-4213.
- Renzi, Lorenzo, Giampaolo Salvi & Anna Cardinaletti (Orgs.)  
1995 *Grande grammatica di consultazioni*, vol. 2, Bologna: Il Mulino.
- Schiffirin, Deborah  
1987 *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva, Augusto Soares da  
1999 *A semântica de 'deixar'. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Tabor, W. & Elizabeth Closs Traugott  
1998 Structural scope expansion and grammaticalization. In: Ramat & Hopper (eds.), *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 229-272.
- Traugott, Elizabeth Closs & Ekkhehard König  
1991 The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Elizabeth C. Traugott & Bernd Heine (eds.), *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 189-218.
- Vendler, Zeno  
1967 *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- Zwicky, A. & J. Sadock  
1975 Ambiguity tests and how to fail them. In: J. Kimball (ed.), *Syntax and Semantics* 4, New-York: Academic Press, 1-36.